

**A construção do outro: a imprensa, o perigo alemão e a quinta-coluna em Pernambuco durante a Segunda Guerra**

Juliana Leite<sup>I</sup>

Táso Brito<sup>II</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo buscar compreender como foi instrumentalizado o medo do “Perigo Alemão” durante a Segunda Guerra Mundial no Estado de Pernambuco. Através da Imprensa podemos acompanhar como era (re)afirmado um clima de medo e perigo, então passamos a perguntar: a quem serve essa construção? O Estado Novo passou a usar essas imagens de perigo para construir inimigos internos e externos que possibilitaram e justificaram ações autoritárias, ao mesmo tempo, contribuía para construção de um projeto de identidade nacional que aflora quando existe um *outro* a ser temido e odiado.

**Palavras-chaves:** Agamenon Magalhães; Estado-Novo; Nacionalismo; Nazismo.

**The construction of the other: the press, the german danger and the fifth column in Pernambuco during World War II**

**Abstract:** This article aims to understand how the fear of the “German danger” was instrumentalized during the Second World War in the state of Pernambuco. Through the press, we can follow how a climate of fear and danger was (re)affirmed, so we begin to ask ourselves who does this construction serve? The Estado Novo began to use these images of danger to construct internal and external enemies that enabled and justified authoritarian actions, while at the same time contributing to the construction of a project of national identity that emerges when there is another to be feared and hated.

**Keywords:** Agamenon Magalhães; Estado-Novo; Nationalism; Nazism.

## A CONSTRUÇÃO DO OUTRO: A IMPRENSA, O PERIGO ALEMÃO E A QUINTA-COLUNA EM PERNAMBUCO DURANTE A SEGUNDA GUERRA

LEITE, J.

BRITO, T.

Desde a Revolução Russa, parcelas significativas do espectro reacionário brasileiro empreenderam esforços para reprimir movimentos políticos mais à esquerda da cena política. Segundo Capelato<sup>III</sup>, o crescimento de tais movimentos gerou grandes críticas dessa elite sobre a capacidade do sistema liberal em estabelecer controle sobre a suposta desordem reinante no país. Assim sendo, o golpe de 1937 esteve atrelado ao medo do comunismo articulado a possibilidade de manter o controle do Estado, por parte da elite que tinha levado Vargas à chefia do executivo nacional<sup>IV</sup>

Voltado para a construção de um Estado forte, centralizado, de viés fortemente nacionalista e com um discurso de supervalorização da ordem social e da segurança nacional, o Estado Novo emergia com o discurso de gerar, nas palavras de Capelato: “mudanças consideradas necessárias para promover o progresso dentro da ordem”<sup>V</sup>, isso se dava, entre muitos aspectos, mas principalmente através do controle e a integração política das massas.

Não foi por acaso que a década de 1930 foi o momento em que o Brasil tentou dar uma explicação nacional utilizando características generalizantes, como aponta Benedict Anderson<sup>VI</sup> as identidades nacionais foram fabricadas por processos imaginativos que canalizam desejos em uma política coletiva que à medida que vai criando as identidades nacionais já vai colocando suas etapas de fabricação no esquecimento. Assim, a história da nacionalidade se dá em um constante criar e apagar os rastros. Porém, estados de exceção, como aponta Agamben<sup>VII</sup>, são acontecimentos que possibilitam perceber a regra, a normalidade daquilo que a iluminação do acontecido põe em sombras.

Neste sentido o Estado Novo possibilita perceber com um pouco mais de facilidade seu projeto de construção da identidade nacional em comparação da república oligárquica que o antecedeu. Buscou-se criar uma identidade nacional que se opusesse a uma identidade liberal, tida como individualista pelos seus detratores. Contudo, a construção dessa identidade foi baseada na afirmação do *nós* coletivo, em detrimento do *eu* individual e na negação do *outro*, colocado – principalmente através da propaganda – como um inimigo que ameaçava uma suposta harmonia e coletividade do ser brasileiro. Lembremos que esse período faz parte de uma conjuntura de grandes conflitos ideológicos, em escala mundial, o Nazismo alemão, o imperialismo nipônico japonês, mas também, o *american way of life* do capitalismo americano, iam criando novas identidades em um mundo de grandes mudanças técnicas e culturais, no Brasil isso não foi diferente.

No Brasil, novos movimentos políticos como com o comunismo e o anarquismo, a ascensão da Aliança Liberal, do movimento integralista liderado por Plínio Salgado, além do que Rafael Rocha vai nomear de questões regionais impostas pelas dificuldades das antigas oligarquias retiradas do poder através da destituição da política do café com leite<sup>VIII</sup> se constituíam como lutas de representação e reconhecimento tão marcantes no ocidente, principalmente no projeto moderno tal como aponta Honneth<sup>IX</sup>. No caso das ditaduras se usavam os aparatos estatais para impor um projeto de representação e reconhecimento do nacional.

Sendo assim, a emergência de um inimigo comum, um *outro* a quem se pode canalizar afetos para unir indivíduos em prol do combate, aparece no governo estado-novista como elemento, como aponta Silva: “mobilizador permanente das forças do Estado e das ações de convencimento das massas de um complô antinacional (...) e antipopular”<sup>X</sup> que precisaria ser combatido pelas massas guiada por seu líder nacional.

## A CONSTRUÇÃO DO OUTRO: A IMPRENSA, O PERIGO ALEMÃO E A QUINTA-COLUNA EM PERNAMBUCO DURANTE A SEGUNDA GUERRA

LEITE, J.

BRITO, T.

Nesse momento despontavam como inimigos nacionais, ao lado do já odiado comunismo, os imigrantes oriundos de países que lutavam a favor do Eixo e os membros do integralismo brasileiro. No caso dos alemães, a existência de um “perigo alemão” no Brasil era algo que remontava ainda ao século XIX. Contudo, o tema teve seu ápice no final da década de 1930, devido às políticas nacionalizadoras de Vargas e ao início da Segunda Grande Guerra. Em 1938, os decretos conhecidos como “leis nacionalizadoras” que segundo René Gertz<sup>XI</sup> eram medidas legais que agiam para pressionar a assimilação, a nacionalização dos estrangeiros e, assim, alcançar o estabelecimento de uma unidade étnico-cultural-religiosa no país. Segundo a análise de Weizenmann<sup>XII</sup>, o governo pretendia difundir uma ideia de brasilidade e dificultar a possibilidade de ação de políticas estrangeiras e redes de espionagem.

A ideia da existência de um “perigo alemão” foi bastante explorada como meio de instrumentalização do medo. De acordo com a historiadora Priscilla Perazzo:

Durante a Segunda Grande Guerra Mundial, quando a ideia de “perigo alemão” foi exacerbada às últimas consequências, o alemão foi identificado como nazista, enquanto o nazismo passou a ser sinônimo de atrocidade e maldade, selvageria e matança, insensibilidade e desumanidade. “O perigo alemão” se apresentou de forma mais ameaçadora do que fora visto até então. Foi possível veicular essas imagens à medida que já existiam no imaginário nacional brasileiro – pelo menos – receptivo à ideia da real existência de um “perigo alemão”.<sup>XIII</sup>

Segundo Michel Foucault:

A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder que as produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e a reproduzem. ‘Regime’ de verdade. [...] Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder — o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder — mas desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento. Em suma, a questão política não é o erro, a ilusão, a consciência alienada ou a ideologia; é a própria verdade<sup>XIV</sup>.

Logo, a construção dos discursos sobre o “perigo alemão” e da “quinta-coluna” eram a verdade que emergiram naquela trama histórica para tantos que viveram aquele momento. Os “efeitos de verdade” oriundos da ideia de uma ameaça germânica à soberania brasileira reverberaram na vida cotidiana dos imigrantes estabelecidos no país a imagem de traidores da pátria e “s colunas” referentes ao cotidiano dos membros da AIB<sup>XV</sup>.

João Fábio Bertonha define a relação da AIB com o governo Vargas até 1937 como ambígua: “suspeição, desconfiança, solidariedade e aproximação se alternavam conforme a conjuntura de cada momento”<sup>XVI</sup>. Os líderes da AIB se posicionaram a favor de Getúlio no golpe que instaurou o Estado Novo, contando com a promessa de que estaria na base do governo e/ou teria representatividade neste. Afinal, em 1937 os integralistas já se constituíam enquanto grupo nacionalmente representativo e de significativa força política. Contudo, após o triunfo do golpe, não houve o cumprimento das promessas realizadas aos integralistas, o que gerou uma reação de hostilidade de uma parcela dos membros da AIB, resultando no ataque armado de 1938<sup>XVII</sup>. A derrota do levante e a rápida ação dos militares em desarticular a intentona acabaram gerando um efeito de verdade, tanto em relação à imagem de “salvador da pátria” associada ao presidente, como na criação dos integralistas enquanto inimigos da

## A CONSTRUÇÃO DO OUTRO: A IMPRENSA, O PERIGO ALEMÃO E A QUINTA-COLUNA EM PERNAMBUCO DURANTE A SEGUNDA GUERRA

LEITE, J.

BRITO, T.

nação, associados, estes, à ideologia de extrema direita europeia. Para Giselda Brito, essa nova imagem de traidores e subversivos dos camisas verdes legitimava o Estado Novo no poder:

Ao conspirar contra Getúlio, um governo ‘aceito pelo povo’, os integralistas não foram apenas apontados como traidores da pátria, como também da própria ideologia da qual faziam parte. Depois do *Putsch Integralista*, no qual eles eram os principais articuladores, considerados de grande periculosidade, pior que os comunistas, porque haviam se disfarçado de amigos, mas que teriam traído a pátria e os ideais que defendiam.<sup>XVIII</sup>

Prontamente, instalou-se uma repressão contra o integralismo. Sua imagem foi transformada pelo discurso oficial do Estado no que Bertonha<sup>XIX</sup> chamou de “o *outro* do Estado Novo”. E a imagem desse outro foi construída como sendo fascista, ditatorial, inimigo da liberdade, da nacionalidade e da própria independência do Brasil, enquanto o novo regime era o único verdadeiramente nacionalista e defensor de um futuro para o país.

Quando a Segunda Guerra é deflagrada, o discurso que colocava os integralistas no papel de traidores foi reforçado. Devido a sua aproximação com a ideologia e estética dos regimes fascistas, os integralistas eram acusados de agir enquanto um instrumento propositalmente empregado para facilitar a infiltração do nazismo – considerado um movimento que seria apenas camuflado por um discurso nacionalista, mas que na verdade se tratava de um agente a favor do eixo:

O integralista é fatalmente um adepto do eixo, os integralistas são inimigos da democracia e, por conseguinte, inimigos da América e do Brasil. Representam, além do mais, perigosa reserva de que os agressores do mundo podem lançar mão, dentro de nossas fronteiras. O integralismo é igual ao totalitarismo. O totalitarismo é igual ao eixo.<sup>XX</sup>

O ataque ao Palácio da Guanabara havia causado um grande desgaste na imagem dos integralistas diante da sociedade brasileira. Somado a tal fato, o discurso da imprensa, centrado na difamação dos mesmos enquanto traidores da pátria que agiam a favor dos países do Eixo, passou a produzir sentido para boa parte da população.

A imprensa teve participação fundamental na construção do discurso sobre um perigo alemão e a respeito de uma -coluna no Brasil e em Pernambuco. Uma vez que, como aponta Cordeiro, “não basta somente construir o inimigo. É necessário divulgá-lo, para que a sociedade o incorpore também como seu”<sup>XXI</sup>. A criação de um inimigo nacional estava diretamente ligada a questões políticas, econômicas e sociais de um determinado momento histórico. Considerando o momento político nacional, a partir da demanda de uma nacionalização do país, e, posteriormente, reforçado com a declaração de guerra ao Eixo e o alinhamento do Brasil com os Aliados, os alemães e -colunas passaram a compor de maneira mais efetiva no imaginário social a representação da imagem do inimigo.

Nas primeiras décadas do século XX, dois meios de comunicação atingiam uma parcela considerável da população: o rádio e os jornais. Esses dois recursos midiáticos eram bastante utilizados para a propaganda do governo, além de uma forte política de censura sobre o que seria publicado nesses veículos. Segundo a historiadora Graça Ataíde de Almeida<sup>XXII</sup> a imprensa foi lançada ao patamar de quarto poder em Pernambuco nas décadas 1930 e 1940, tal sua importância no cenário político do período abordado.

## A CONSTRUÇÃO DO OUTRO: A IMPRENSA, O PERIGO ALEMÃO E A QUINTA-COLUNA EM PERNAMBUCO DURANTE A SEGUNDA GUERRA

LEITE, J.

BRITO, T.

Durante o Estado Novo, a imprensa passou a ser subordinada ao poder público, segundo Velloso<sup>XXIII</sup> com o argumento da necessidade de centralização da informação, para assegurar a relação direta entre sociedade e governo, de forma ágil e sem intermediários. O governo passou a transformar esses canais em espaços de propaganda do governo, como aponta Cordeiro: “caracterizado pelo discurso nacionalista, populista, legitimador da ordem e autoritário. Pretendia-se a manipulação das massas, utilizando para isso a censura, a construção do inimigo e a perseguição”.<sup>XXIV</sup> Assim, o poder político exercido no período da ditadura Vargas conjugou o monopólio da força física (repressão através do aparato policial) e da força simbólica.

Getúlio Vargas fez amplo uso da propaganda, sobretudo para a divulgação da ideologia do Estado Novo e no processo de construção da sua imagem de grande líder das massas, enquanto promotor da prosperidade da nação brasileira; como também na construção da representação do *outro*.<sup>XXV</sup> A propaganda agia enquanto uma estratégia de exercício de poder. O Estado dedicava um grande esforço para estabelecer o maior controle possível sobre os meios de comunicação. E, para isso, utilizou-se do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) enquanto censor e da Delegacia de Ordem e Política Social (DOPS) enquanto aparato repressor. Através de tais aparatos, o governo Vargas conseguia construir, criar ou legitimar um inimigo comum já existente ou o inverso, lançar o herói que fosse de seu interesse.

Em Pernambuco, Agamenon Magalhães, ao ser nomeado pelo ditador para o cargo de interventor do estado, não tardou em colocar em circulação *A Folha da Manhã*, um jornal de sua propriedade no qual também colaborava como colunista.<sup>XXVI</sup> De acordo com Almeida<sup>XXVII</sup> o jornal tinha como compromisso difundir e popularizar a ideologia do regime a diferentes camadas sociais. O interventor se comunicava diretamente com a população pernambucana através de dois jornais diários, por um programa de rádio e até mesmo usando o cinema, uma grande novidade tecnológica naquele momento, como aponta Nascimento<sup>XXVIII</sup>, Segundo Cordeiro era através da reprodução do seu discurso, que era endossado por adeptos do regime Vargas, entre os quais pessoas que faziam parte de grupos considerados como formadores de opinião: jornalistas, religiosos e intelectuais. Os posicionamentos políticos do interventor ditavam o tom das notícias dos aparatos comunicacionais.

Segundo Almeida<sup>XXIX</sup>, houve uma significativa mudança no tom da cobertura jornalística ao se tratar dos alemães, matérias jornalísticas exaltando a Alemanha enquanto deram lugar, com os desdobramentos da Segunda Guerra, a artigos voltados a conclamar a população a aumentar a vigilância aos alemães que residiam em Pernambuco, ou como aponta as pesquisas de Lewis<sup>XXX</sup> os louros que eram como costumeiramente eram referidos nos jornais ou em fala públicas do interventor do Estado de Pernambuco.

O *Jornal Pequeno*, que outrora era responsável por matérias que sugeriam grande simpatia e apoio ao integralismo e regimes fascistas europeus, se tornou um dos seus mais ferrenhos críticos:

[...] Fala-se muito nesta guerra na -coluna. Sabem o que é a -coluna? São indivíduos que vivem nos países neutros, gosando da intimidade da população – estrangeiros ou nacionais – e, por questão de credo político, na hora H prestam apoio aos invasores. Constituem a nata da traição. [...]. Os países que ainda não foram atingidos estão tomando as medidas mais sérias possíveis, dada a gravidade do movimento que vem

## A CONSTRUÇÃO DO OUTRO: A IMPRENSA, O PERIGO ALEMÃO E A QUINTA-COLUNA EM PERNAMBUCO DURANTE A SEGUNDA GUERRA

LEITE, J.

BRITO, T.

provar o internacionalismo do fascismo, que já não é mais mercadoria para uso interno. O fanatismo chega a tal ponto que doutrinas que se **apresentavam com acendrado pendor nacionalista obrigam seus membros a traição da pátria em benefício dos alemães**. O Brasil oficial é neutro [...] Mas, cada brasileiro tem sua simpatia que não esconde. Observe-se um brasileiro que já usou **camisa verde** e veja-se por quem se manifesta simpatia[grifo nosso].<sup>xxxI</sup>

Através de um discurso acusatório e generalizante, a imprensa buscava definir os perigosos inimigos da pátria. Transformando o inimigo externo em interno, característica que mais tarde vai se repetir durante a Ditadura de 1964, e apareceu mais recentemente em falas do ex-presidente Jair Bolsonaro, a busca por inimigos internos que represente uma ameaça externa tem sido uma constante em regimes e governos que tinham uma pretensão autoritária. Segundo Brito<sup>xxxII</sup>, essa lógica de inimigo interno foi sendo construída via a Doutrina de Segurança Nacional, mas antes mesmo dela já estava presente em Leis de Segurança Nacional, sendo a primeira dela criada no período varguista. No caso dos integralistas, também conhecidos como camisas verdes e seguidores de uma doutrina de viés fascista, como consta no trecho destacado, é reforçada a ideia de que os mesmos se colocariam a favor dos alemães “por questão de credo político” e contra sua própria nação. O léxico escolhido aponta para a questão do perigo interno, a palavra traição aparece para nomear uma possível escolha política pela simpatia a Alemanha, mas ao nomear de traição se cria um ideal, uma comunidade imaginada<sup>xxxIII</sup> de brasileiros e tudo aquilo que não se encontra contido é uma traição.

Pouco antes de entrar na guerra, Getúlio realizou um discurso de ano novo reafirmando seu compromisso com as “nações democráticas” e convidando a população a lutar contra os “inimigos camuflados”, os quinta-colunas. Com isso, já dava sinais de que a entrada na guerra ao lado dos Aliados era apenas uma questão de tempo. No Recife, o jornal *Diário da Manhã* publicou notícia sobre o discurso do presidente em 6 de janeiro de 1942:

É preciso que o povo brasileiro não esqueça a advertência contida no discurso presidencial de que os perigos ocultos nos ameaçam por todos os lados. O lema de todos nós, neste momento, deverá ser o da vigilância incansável contra os inimigos camuflados, contra os traidores encobertos que devem existir, em grande número, mesmo no seio das nossas próprias famílias. Que cada um faça por si o dever que incumbe a todos e a ameaça da -coluna poderá ser afastada com êxito.<sup>xxxIV</sup>

Além de setores da imprensa (falada e escrita), havia também uma mobilização de grupos e indivíduos que se posicionavam contra o Eixo e seus simpatizantes através de panfletos, folhetos e cartazes distribuídos pelas ruas do Recife. Um folheto apreendido pela DOPS-PE abordava o episódio do afundamento dos navios, nomeado no folheto como uma “tocaia nos mares, fazendo correr o sangue inocente dos nossos irmãos”. Apesar de anônimo, podemos seguir as considerações foucaultianas, na qual o autor é uma função que assina um discurso que lhe é exterior<sup>xxxV</sup>. Desta forma, o panfleto anônimo é a documentação, o registro dessa externalidade, do discurso que circulava pelas ruas da cidade que tinha como objetivo instigar a população a combater a -coluna realizando denúncias, utilizando para isso um discurso de ódio àqueles a quem chamavam de traidores da pátria:

O instante é das mais graves apreensões. Os miseráveis agressores que nos põem em tocaia nos mares, fazendo correr o sangue inocente dos nossos irmãos, receberão o

## A CONSTRUÇÃO DO OUTRO: A IMPRENSA, O PERIGO ALEMÃO E A QUINTA-COLUNA EM PERNAMBUCO DURANTE A SEGUNDA GUERRA

LEITE, J.

BRITO, T.

troco que lhes é devido. Ha, porém, um perigo maior, necessariamente muito maior, contra o qual todos nós brasileiros devemos estar alertas. Este perigo precisa indicá-lo? É a **quinta-coluna**, que reúne a fina flor da malandragem, do crime, da traição. **Uns são detritos do integralismo** e outros despidos de vergonha (...) **BRASILEIROS!** Espia-os-bem: Eles estão em toda parte. Não deveis estender-lhes as vossas mãos salvas e limpas de homens dignos, mas apontá-los à polícia para que eles paguem bem caro o crime nefasto da traição.[grifo nosso].<sup>XXXVI</sup>

Não era raro esse tipo de discurso ser veiculado nesse período, tanto em jornais de grande circulação e credibilidade no estado de Pernambuco – como o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal Pequeno* –, como também na mídia informal que circulava pela cidade. O *Jornal Pequeno*, por exemplo, na sua coluna diária intitulada *Hoje, Ontem, Amanhã*, chegou a publicar uma matéria afirmando que o ato de se colocar ao lado do Eixo “se trata de verdadeira degradação e traição infame e miserável”, e sugere que “para estes a ação deve ser sumariíssima e inclemente. É encostá-los à parede e fuzilá-los”.<sup>XXXVII</sup> Entre os *Viva a democracia! Morra o nazismo e a quinta-coluna traidora*,<sup>XXXVIII</sup> o ódio era espalhado pela imprensa.

Peter Gay afirma: “Toda cultura, toda classe, todo século constrói seus próprios álibis para agressão”.<sup>XXXIX</sup> Esses álibis, segundo o autor, se constituem, em sua maioria, em “réplicas de racionalizações consagradas pelo tempo, ou sutis variações das mesmas, apenas uma pequena parte consegue ser verdadeiramente inovadora”.<sup>XL</sup> Podem se tornar facilmente generalizações em determinadas conjunturas político-sociais, como ocorreu no caso dos alemães e dos integralistas durante o Estado Novo.

A promoção de um *Outro coletivo* enquanto inimigo nacional foi um álibi para agressão recorrentemente utilizado no governo Vargas, uma vez que a construção de um *Outro odioso* garantia a permissão de ações hostis contra o mesmo. Esses álibis emergiram como justificadores das ações do governo contra grupos que de alguma forma fossem entendidos enquanto ameaça à ordem política vigente. De acordo com Peter Gay, há muito tempo “os políticos vêm explorando esse traço humano sabendo que o ódio pode ser cultivado com um propósito, eles constroem inimigos para promover a concórdia interna”.<sup>XLI</sup>

O ódio, conforme analisa Clara Góes<sup>XLII</sup>, uma paixão e como tal é capaz de levar consigo a consciência e a razão. O ódio enquanto instrumento político se revela como uma eficaz estratégia de articulação das massas como força política. O discurso da imprensa produzia e alimentava o ódio, e por vezes o medo, contra a ameaça que representavam todos aqueles oriundos das nações do eixo ou quem suscitasse algum tipo de relação com os mesmos.

O Brasil declarou guerra às potências do Eixo em agosto de 1942, após sucessivos ataques aos navios brasileiros. No total foram cinco navios afundados por submarinos do Eixo no litoral nordeste, na costa entre Sergipe e Bahia, contabilizando, aproximadamente, mais de 800 mortes. A ofensiva contra os navios e as consequentes perdas humanas gerou uma enorme comoção popular em várias capitais do país.

No Recife, em 12 de agosto de 1942, o ódio era incitado pela imprensa e com o estopim dos afundamentos dos navios teve uma repercussão violenta. Houve quebra-quebra, no qual várias casas e lojas de imigrantes oriundos de países do Eixo foram depredadas. A população de origem italiana, japonesa e alemã que residia na cidade passou a ser cada vez

## A CONSTRUÇÃO DO OUTRO: A IMPRENSA, O PERIGO ALEMÃO E A QUINTA-COLUNA EM PERNAMBUCO DURANTE A SEGUNDA GUERRA

LEITE, J.

BRITO, T.

mais hostilizada. Em nome da segurança do Estado, o governo estabeleceu um rol de medidas legais restritivas e confiscatórias em relação aos chamados “súditos do Eixo”.

Nesse mesmo período, alguns jornais chegaram a disponibilizar colunas permanentes sobre a ameaça alemã<sup>XLIII</sup>. A imprensa – de uma maneira geral – continuava buscando incitar a população a um estado de ódio, medo e desconfiança referente aos alemães. Desconfiança e vigilância, tanto em relação aos alemães, quanto aos chamados quinta-colunas. Mario Melo,<sup>XLIV</sup> Agamenon Magalhães e outros colunistas ensinavam como reconhecer um quinta-coluna em suas matérias de jornal e as providências a serem tomadas.

O interventor se colocava à disposição para receber e ouvir a população, para Almeida<sup>XLV</sup> isso buscava construir uma vinculação simbiótica entre o líder e as massas. E esse tipo de articulação sem intermediários entre líder e massa dava à população a possibilidade de se comunicar com o interventor. E ele era atendido pelos seus leitores. Era comum Agamenon receber cartas em seu gabinete com denúncias sobre “súditos do eixo”, integralistas ou qualquer indivíduo que aparentasse minimamente ser uma ameaça nacional, além de outros dos mais variados assuntos.

Em uma das cartas havia uma reclamação sobre “elementos eixistas provocando discussões nos bondes”.<sup>XLVI</sup> Mesmo que isso não fosse verdade, é um indício de como o cotidiano de muitos que viveram esse período e também como é uma discussão da urbanidade, uma vez que as menções se tratavam de Recife e não o interior do Estado.

A construção da ideia de “perigo alemão” teve eco não só nos meios de comunicação, mas também na literatura, mostrando-se presente, ainda, nas ações policiais e nos decretos leis promulgados pelo Estado. Não há como mensurar o impacto do discurso do “perigo alemão” e da “quinta-coluna” na sociedade brasileira. Tampouco qual foi o seu alcance: até onde esses discursos determinaram as ações dos populares em relação à população alemã residente no país e, mais especificamente, em Pernambuco. Entretanto, pode-se afirmar que tais discursos afetaram direta e indiretamente a vida cotidiana de estrangeiros e de muitos brasileiros, principalmente durante o Estado Novo. Sendo assim, pode-se afirmar que a guerra não aconteceu apenas nos campos de batalha europeus. A construção do perigo alemão e da quinta-coluna formaram um conflito paralelo, feito de palavras e discursos, ocorridos também no âmbito das ideias e do imaginário social.

### Notas

---

I Mestra em História pela UFRPE e professora da rede estadual de educação básica do Estado de Pernambuco. [jullie.campos@gmail.com](mailto:jullie.campos@gmail.com)

II Doutorando em História pela UFC e professor da rede estadual de educação básica do Estado de Pernambuco. [tasso.brito@gmail.com](mailto:tasso.brito@gmail.com)

III CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: DELGADO, Lucilia Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (orgs.). **O Brasil Republicano**, Vol. 2 - O Tempo do Nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

IV SILVA, Francisco Teixeira. Por uma história comparada das ditaduras. In: SCHURTER, Karl; LAPSKY, Igor; SILVA, Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo (orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, 2010.

## A CONSTRUÇÃO DO OUTRO: A IMPRENSA, O PERIGO ALEMÃO E A QUINTA-COLUNA EM PERNAMBUCO DURANTE A SEGUNDA GUERRA

LEITE, J.

BRITO, T.

V CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: DELGADO, Lucilia Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (orgs.). **O Brasil Republicano**, Vol. 2 - O Tempo do Nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

VI ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VII AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004

VIII ROCHA, Rafael Pires. **Propaganda Política e Censura no Estado Novo em Pernambuco (1937-45)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

IX HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

X SILVA, Francisco Teixeira. Por uma história comparada das ditaduras. In: SCHURTER, Karl; LAPSKY, Igor; SILVA, Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo (orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, 2010.

XI GERTZ, René E. **O Perigo Alemão. Rio Grande do Sul**. Editora da Universidade/UFGRS, 1998.

XII WEIZENMANN, Tiago. **Cortando as asas do nazismo: representações e imaginário na revista Vida Policial (1942-1944)**. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2008.

XIII PERAZZO, Priscila Ferreira. **O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo**. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1999. p.51.

XIV FOULCAUT, Michel. Verdade e Poder. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011. p.14.

XV O termo “quinta-coluna” tem sua origem na guerra civil espanhola. Durante o avanço em direção a Madri, havia quatro colunas militares e mais uma quinta integrada por simpatizantes e ideologicamente identificada com os fascismos europeus. No Brasil, a expressão foi utilizada designar brasileiros que demonstrassem simpatia ou agissem a favor dos alemães ou italianos durante a Segunda Guerra. Segundo Philonila, “quinta-coluna” também era um vocábulo utilizado como meio de acusação contra àquele que se manifestasse de alguma forma contra as ações do governo diante da guerra. Cf.: CORDEIRO, Philonila. **Ascensão das Ideias Nazistas em Pernambuco: Quinta-Coluna em Ação (1937-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2005, p. 14.

XVI BERTONHA, João Fábio. **O Integralismo e sua história: Memória, fontes e historiografia**. Salvador: Editora Pontocom, 2016. p.153.

XVII O Putsch Integralista ou Intentona Integralista, como também ficou conhecido, se tratou de um movimento armado que ocorreu em 1938 contra o então presidente do Brasil, Getúlio Vargas. A autoria do levante foi atribuída à Ação Integralista Brasileira.

XVIII SILVA, Giselda Brito. Tempos de guerra e de exílio: a situação do ex-líder dos integralistas durante a Segunda Guerra Mundial em Portugal. In: SCHURTER, Karl; LAPSKY, Igor; SILVA, Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo (orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, 2010. p.598.

XIX BERTONHA, João Fábio. **O Integralismo e sua história: Memória, fontes e historiografia**. Salvador: Editora Pontocom, 2016

XX Diário de Pernambuco. 6 de julho de 1942. **Prontuário funcional: 5998**. Fundo: SSP/DOPS-PE/APEJE.

XXI CORDEIRO, Philonila. **Ascensão das Ideias Nazistas em Pernambuco: Quinta-Coluna em Ação(1937-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2005. p.3.

XXII ALMEIDA, Graça Andrade Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária**. São Paulo: 2001.

XXIII VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.

## A CONSTRUÇÃO DO OUTRO: A IMPRENSA, O PERIGO ALEMÃO E A QUINTA-COLUNA EM PERNAMBUCO DURANTE A SEGUNDA GUERRA

LEITE, J.

BRITO, T.

XXIV CORDEIRO, Philonila. **Ascensão das Ideias Nazistas em Pernambuco: Quinta-Coluna em Ação(1937-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2005. p.3.

XXV Como exemplo desse “outro” podem ser citados os comunistas, integralistas e os próprios alemães – através do discurso do perigo alemão. Todo aquele que não se enquadrasse na norma estabelecida estava passível a ter sua imagem direcionada na imprensa como algo negativo ao bem-estar e à segurança da nação. Como também, se for de interesse do governo, a representação do “outro” pode ser realizada através de símbolos positivos, até mesmo chegando próximo da exaltação, como no caso da Alemanha Nazista no período pré-guerra. Dessa forma, de acordo com Roger Chartier, no Estado Novo se estabelece uma dominação simbólica pelo Estado. Este usa a construção da representação como arma e objeto de exercício de poder. Cf. CHATIER, Roger. O Mundo como Representação. **Revista Estudos Avançados**. Vol. 5, n. 11, 1991, pp. 173-191.

XXVI Agamenon Sérgio de Godói Magalhães, pernambucano de Serra Talhada, assumiu o cargo de interventor do Estado de Pernambuco em 3 de dezembro de 1937. Agamenon havia ocupado também o cargo de ministro do trabalho, indústria e comércio do governo Vargas em 1934. Em janeiro de 1937, assumiu interinamente o Ministério da Justiça. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/agamenon\\_magalhaes](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/agamenon_magalhaes)>. Acesso em 20 jan. 2014.

XXVII ALMEIDA, Graça Andrade Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária**. São Paulo: 2001.

XXVIII NASCIMENTO, Arthur G. Lira do. **O estado sob as lentes: a cinematografia em Pernambuco durante o Estado Novo (1937-1945)**. Jundiaí: Paco, 2021.

XXIX ALMEIDA, Graça Andrade Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária**. São Paulo: 2001.

XXX LEWIS, Susan. Indesejáveis e Perigosos na Arena Política: Pernambuco, o antissemitismo e a questão alemã durante o Estado Novo (1937-1945). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

XXXI MELO, Mário. Ontem, hoje, amanhã. **Jornal Pequeno**. Recife, p.4. 27 mai. 1940. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&PagFis=65545>>. Acesso em 13 abr. 2016.

XXXII BRITO, Tásso Araújo de. **A toga e a espada: Mércia Albuquerque e Gregório Bezerra na Justiça Militar (1964-1969)**. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós Graduação em História, 2015.

XXXIII ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

XXXIV A MENSAGEM do ano novo. **Diário da Manhã**. Recife, p. 3. 06 jan. 1942. Disponível em: <<http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1942&PagFis=33>>. Acesso em 20 jul. 2015.

XXXV FOUCAULT, Michel. **Estética, literatura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

XXXVI Documento anônimo convocando a população a denunciar os quinta-colunas. [s.d.]. Envelope: 01. **Prontuário funcional: 29444**. Fundo: SSP/DOPS-PE/APEJE.

XXXVII MELO, Mário. Ontem, hoje e amanhã. Recife, p.3. 24 ago. 1942. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/67754>>. Acesso em 13 abr. 2016.

XXXVIII Documento anônimo convocando a população a distribuir cópias do seu conteúdo como forma de realizar um saneamento moral. [s.d.]. Envelope: 01. **Prontuário funcional: 29444**. Fundo: SSP/DOPS-PE/APEJE.

XXXIX GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O cultivo do ódio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 43.

XL *Ibidem*.

XLI *Ibidem*.p.76.

XLII GÓES, Clara de. Sobre o ódio. In: SCHURTER, Karl; LAPSKY, Igor; SILVA, Carlos Teixeira da; SILVA, Giselda Brito (orgs.). **Velhas e novas direitas, a atualidade de uma polêmica**. Recife: Ed. Universidade de Pernambuco, 2014.

XLIII GERTZ, René E. **O Perigo Alemão. Rio Grande do Sul**. Editora da Universidade/UFGRS, 1998.

XLIV Mário Melo trabalhou em diversos jornais da cidade como o Diário de Pernambuco, Folha da Manhã, Jornal do Commercio. Ocupou cargos em no Instituto Arqueológico e na Academia Pernambucana de Letras. E sempre atuou como “defensor” da cultura e da tradição recifense. Cf. PARAÍSO, 2003, p. 179.

A CONSTRUÇÃO DO OUTRO: A IMPRENSA, O PERIGO ALEMÃO E A QUINTA-COLUNA EM PERNAMBUCO DURANTE A SEGUNDA GUERRA

LEITE, J.

BRITO, T.

XLV ALMEIDA, Graça Andrade Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária**. São Paulo: 2001.  
 XLVI Carta anônima de denúncia contra “os súditos do eixo” endereçada à Agamenon Magalhães. 22 de setembro de 1942. **Prontuário funcional: 28663**. Fundo: SSP/DOPS-PE/APEJE.

### Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

ALMEIDA, Graça Andrade Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária**. São Paulo: 2001.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BERTONHA, João Fábio. **O Integralismo e sua história: Memória, fontes e historiografia**. Salvador: Editora Pontocom, 2016

BRITO, Táso Araújo de. **A toga e a espada: Mércia Albuquerque e Gregório Bezerra na Justiça Militar (1964-1969)**. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós Graduação em História, 2015.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: DELGADO, Lucilia Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (orgs.). **O Brasil Republicano**, Vol. 2 - O Tempo do Nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Revista Estudos Avançados**. Vol. 5, n. 11, 1991, pp. 173-191.

CORDEIRO, Philonila. **Ascensão das Ideias Nazistas em Pernambuco: Quinta-Coluna em Ação (1937-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

FOULCAUT, Michel. Verdade e Poder. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

\_\_\_\_\_. **Estética, literatura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O cultivo do ódio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995

A CONSTRUÇÃO DO OUTRO: A IMPRENSA, O PERIGO ALEMÃO E A QUINTA-COLUNA EM PERNAMBUCO DURANTE A SEGUNDA GUERRA

LEITE, J.

BRITO, T.

---

GERTZ, René E. **O Perigo Alemão. Rio Grande do Sul.** Editora da Universidade/UFGRS, 1998,

GÓES, Clara de. Sobre o ódio. In: SCHURTER, Karl; LAPSKY, Igor; SILVA, Carlos Teixeira da; SILVA, Giselda Brito (orgs.). **Velhas e novas direitas, a atualidade de uma polêmica.** Recife: Ed. Universidade de Pernambuco, 2014

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** São Paulo: Ed. 34, 2003.

LEWIS, Susan. **Indesejáveis e Perigosos na Arena Política: Pernambuco, o antissemitismo e a questão alemã durante o Estado Novo (1937-1945).** Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

NASCIMENTO, Arthur G. Lira do. **O estado sob as lentes: a cinematografia em Pernambuco durante o Estado Novo (1937-1945).** Jundiaí: Paco, 2021.

PARAÍSO, Rostand. **O Brasil e a II Guerra Mundial.** Recife: Bagaço, 2003.

PERAZZO, Priscila Ferreira. **O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo.** São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1999.

ROCHA, Rafael Pires. **Propaganda Política e Censura no Estado Novo em Pernambuco (1937-45).** Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008

SILVA, Giselda Brito. Tempos de guerra e de exílio: a situação do ex-líder dos integralistas durante a Segunda Guerra Mundial em Portugal. In: SCHURTER, Karl; LAPSKY, Igor; SILVA, Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo (orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Francisco Teixeira. Por uma história comparada das ditaduras. In: SCHURTER, Karl; LAPSKY, Igor; SILVA, Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo (orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro, 2010.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo.** Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.

WEIZENMANN, Tiago. **Cortando as asas do nazismo: representações e imaginário na revista Vida Policial (1942-1944).** Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2008.